

Pesquisas Interdisciplinares Estimuladas por Problemas Concretos das Ciências Sociais Aplicadas 2

**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**



Pesquisas
Interdisciplinares
Estimuladas por
Problemas Concretos
das Ciências Sociais
Aplicadas 2

**Elói Martins Senhoras
(Organizador)**



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pesquisas interdisciplinares estimuladas por problemas concretos das
ciências sociais aplicadas

2

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Elói Martins Senhoras

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P474 Pesquisas interdisciplinares estimuladas por problemas concretos das ciências sociais aplicadas 2 / Organizador Elói Martins Senhoras. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-814-4

DOI 10.22533/at.ed.144210802

1. Ciências sociais. I. Senhoras, Elói Martins (Organizador). II. Título.

CDD 301

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

O campo científico dos estudos de Ciências Sociais Aplicadas tem evoluído de modo significativo nos últimos dois séculos em função das transformações estruturais nos contextos, tanto, econômico do sistema capitalista, quanto, político do sistema internacional, os quais repercutiram em crescente complexificação da realidade social, organizacional e familiar.

Diante da crescente fluidez e complexidade da realidade, novas agendas temáticas reflexivas aos avanços empíricos e às transformações humanas emergem, introjetando dinamismo para a valorização dos estudos de Ciências Sociais Aplicadas, com consequente demanda para não apenas explicar os fenômenos, mas também apresentar respostas aos problemas.

Nesta contextualização, o presente livro, “Pesquisas Interdisciplinares Estimuladas por Problemas Concretos das Ciências Sociais Aplicadas 2”, apresenta uma diversidade de leituras que valoriza a abordagem interdisciplinar aplicada à análise da realidade empírica por meio do uso combinado de distintos recortes teóricos e metodológicos.

Estruturado em dezesseis capítulos que mapeiam temáticas que exploram as fronteiras do conhecimento sobre as realidades social e organizacional, esta obra é fruto de um trabalho coletivo constituído pela reflexão de vários pesquisadores oriundos das macrorregiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Norte e Nordeste do Brasil.

As análises destes capítulos foram organizadas neste livro tomando como elemento de aglutinação a abordagem interdisciplinar aplicada à análise da realidade dentro de dois grandes eixos investigativos, respectivamente identificados por abordagens empíricas de estudos de caso sobre: a) temas sociais, e, b) temas organizacionais.

Com base nestes eixos temáticos, a presente obra coaduna diferentes prismas do complexo caleidoscópio interdisciplinar das Ciências Sociais Aplicadas, caracterizando-se por um olhar que estimula a pluralidade teórica e metodológica, bem como a prescrição de soluções para os dilemas existentes na realidade de cada estudo de caso.

A construção epistemológica apresentada neste trabalho coletivo busca romper consensos, findando demonstrar a riqueza existente no anarquismo teórico e metodológico do campo das Ciências Sociais Aplicadas em resposta à complexa realidade empírica, razão pela qual convidamos você leitor(a) a nos acompanhar à luz do ecletismo registrado nos estimulantes estudos empíricos deste livro.

Excelente leitura!

Elói Martins Senhoras

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

APRENDIZAGEM PARA A TRANSFORMAÇÃO SOCIAL NA ATIVIDADE EXTENSIONISTA DIALÓGICA DE APRENDIZAGEM COM EFETIVIDADE PARA A GESTÃO NO PARADIGMA DA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Alessandra Mantovaneli
David Ranieri Bulgari
Simone Ferreira de Sousa
Liliane Cristine Schlemer Alcântara
Érica Crespi Amêndola

DOI 10.22533/at.ed.1442108021

CAPÍTULO 2..... 14

ACERTANDO A TEORIA: SERVIÇO SOCIAL, GÊNERO E A REDE DE ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER

Brenda Fante da Paixão

DOI 10.22533/at.ed.1442108022

CAPÍTULO 3..... 26

CONTRIBUIÇÕES DA TERAPIA OCUPACIONAL EM UMA ANÁLISE ERGONÔMICA

Fernanda Garcia de Lima
Lais de Marins Patata Ferreira
Larissa Cardoso Almeida

DOI 10.22533/at.ed.1442108023

CAPÍTULO 4..... 35

O PAPEL DO FARMACÊUTICO NO TRATAMENTO DA DOENÇA DE PARKINSON

Ester Elaine Gonsalves de Aguiar
Gustavo Alves Andrade dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1442108024

CAPÍTULO 5..... 46

SISTEMA PRISIONAL: UMA LEITURA ANÁLITICA COMPORTAMENTAL

Sandro Paes Sandre
Andre Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1442108025

CAPÍTULO 6..... 56

DESENVOLVIMENTO DO JOGO PEDAGÓGICO SER+: GÊNEROS, SEXUALIDADES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Bruno Cruz Candido
Renata Barbosa Porcellis da Silva
Mariana Piccoli

DOI 10.22533/at.ed.1442108026

CAPÍTULO 7	66
INFÂNCIA E DISCURSO: ANÁLISE DISCURSIVA DE JORNAIS EM GUARAPUAVA (1930/1940)	
Micheli Rosa	
Claudia Maris Tullio	
DOI 10.22533/at.ed.1442108027	
CAPÍTULO 8	77
ENTREVISTA CONSTRÓI IMAGEM EMPRESARIAL discursIVA: ESTUDO TEXTUAL NUM EXEMPLAR DA oDEBRECHT INFORMA	
Marta Cardoso de Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.1442108028	
CAPÍTULO 9	91
O VIÉS SOCIAL NA FORMAÇÃO DO ADMINISTRADOR: CONTRIBUIÇÕES PARA CIDADANIA	
Maria Angelica de Araujo Oliveira	
Paulo de Tarso Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.1442108029	
CAPÍTULO 10	106
O PERFIL EMPREENDEDOR NA INFLUÊNCIA POSITIVA DA BUSCA DE OPORTUNIDADE E INICIATIVA AO EMPREENDEDORISMO	
André Luis da Silva	
Carlos Takashi Konaka	
DOI 10.22533/at.ed.14421080210	
CAPÍTULO 11	128
EMPREENDEDORISMO E GESTÃO EM GASTRONOMIA	
Potiguara Spindola Alcantara	
DOI 10.22533/at.ed.14421080211	
CAPÍTULO 12	141
GESTÃO DE PROCESSOS: UM ESTUDO DE CASO EM UM RESTAURANTE <i>FAST FOOD</i>	
Juliana Damaris Candido de Lima	
Annah Bárbara Pinheiro dos Santos	
Juliana Feres Castelo	
Karla Andréa Dulce Tonini	
Paula Albuquerque Penna Franca	
DOI 10.22533/at.ed.14421080212	
CAPÍTULO 13	152
FAZENDO POLÍTICA COM O GARFO: POLITIZAÇÃO DO CONSUMO ALIMENTAR EM UM ESPAÇO DE GASTRONOMIA E HOSPEDAGEM NO RIO DE JANEIRO	
Paula Albuquerque Penna Franca	
Juliana Damaris Candido de Lima	
Nicolle de Souza Venturi	

Annah Bárbara Pinheiro dos Santos
Anna Paola Trindade Rocha Pierucci

DOI 10.22533/at.ed.14421080213

CAPÍTULO 14..... 167

DO FORDISMO AO UBERISMO: REFLEXÕES E NOVOS PARADIGMAS PARA A ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E DO TRABALHO NA ERA DA INOVAÇÃO

Railson Marques Garcez

Leandro José Teixeira Barros

DOI 10.22533/at.ed.14421080214

CAPÍTULO 15..... 182

INOVAÇÃO TECNOLÓGICA NA GESTÃO MUNICIPAL POR MEIO DA PLATAFORMA DE ACOMPANHAMENTO DE LICITAÇÕES PÚBLICAS (PALP)

Victor Gomes Jorge

Renan Antonio da Rocha

José Augusto Lopes Costa

Vinícius Storolli Santos

Caroline Ferreira Gonçalves

Cláudia Souza Passador

DOI 10.22533/at.ed.14421080215

CAPÍTULO 16..... 196

O PARQUE TECNOLÓGICO DE MARÍLIA/SP NA INSERÇÃO DA AGENDA GOVERNAMENTAL LOCAL SOB A ÓPTICA DOS MÚLTIPLOS FLUXOS

Nathália Gonçalves Zaparolli

DOI 10.22533/at.ed.14421080216

SOBRE O ORGANIZADOR..... 209

ÍNDICE REMISSIVO..... 210

CAPÍTULO 14

DO FORDISMO AO UBERISMO: REFLEXÕES E NOVOS PARADIGMAS PARA A ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA E DO TRABALHO NA ERA DA INOVAÇÃO

Data de aceite: 04/02/2021

Data de submissão: 13/11/2020

Railson Marques Garcez

Universidade Federal do Maranhão – PPGDSE
São Luís – MA
<http://lattes.cnpq.br/7642745674330297>

Leandro José Teixeira Barros

Universidade Federal do Maranhão – PPGDSE
São Luís – MA
<http://lattes.cnpq.br/7036218078634865>

RESUMO: A disrupção gerada por novos modelos de negócios na Era da Inovação tem provocado verdadeiras transformações na forma como as organizações vem se (re)estruturando o que, por sua vez, refletem diretamente na organização produtiva do trabalho e em novos paradigmas organizacionais. No cenário de crise estrutural, emergem novas estruturas de produção de bens e serviços e novas práticas de exploração da força de trabalho, decerto, uma tentativa evidente do sistema capitalista em manter sua hegemonia e perpetuar seu controle sobre o tecido social. Das práticas fordistas, no início do século XX, ao Uberismo, expressão mais recente, que alude à extrema flexibilização e precarização do trabalho, neste século XXI, tem-se a evolução de uma lógica de valorização do capital e, sobretudo, de dominação na relação dialética entre capital-trabalho na geração de mais-valor. A partir de uma pesquisa teórico-bibliográfica de natureza essencialmente qualitativa, buscou-se analisar

a evolução histórico-econômica dos sistemas de produção capitalista com vistas a compreender a sistemática e a dinâmica de transformação de tais modelos produtivos considerando cada momento histórico e, principalmente, verificar os principais efeitos no contexto social de bem-estar da força de trabalho. Os resultados permitiram entender que cada sistema produtivo teve sua gênese objetivada na necessidade contínua de valorização do capital e na apropriação de mais-valor, em detrimento de formas mascaradas de exploração do trabalho, discursos inflamados de melhoria na produtividade e na competitividade. O Uberismo, no capitalismo contemporâneo, mostra ser uma “nova estratégia” de acumulação capitalista, cuja face verdadeira encontra-se encoberta pelo discurso do *empowerment*, flexibilidade e autogestão. O sistema encontra-se em incubação nessa Era da Inovação e seu destino e sua sobrevivência parecem ainda serem incertos, porém, seus reflexos já são certos, evidentes e sentidos drasticamente pelo trabalhador e pela sociedade.

PALAVRAS - CHAVE: Fordismo. Uberismo. Inovação. Flexibilização. Precarização.

FROM FORDISM TO UBERISM: REFLECTIONS AND NEW PARADIGMS FOR PRODUCTIVE ORGANIZATION AND WORK IN THE INNOVATION AGE

ABSTRACT: The disruption generated by new business models in the Innovation Age has caused real transformations in the way organizations have (re)structured themselves, which in turn directly reflect on the productive organization of work and new organizational

paradigms. In the scenario of structural crisis, new structures of production of goods and services and new practices of exploitation of the labor force emerge, certainly an evident attempt by the capitalist system to maintain its hegemony and perpetuate its control over the social fabric. From Fordist practices, at the beginning of the 20th century, to Uberism, the most recent expression, which alludes to the extreme flexibilization and precariousness of labor, in this 21st century, there is the evolution of a logic of capital valorization and, above all, of domination in the dialectic relationship between capital and labor in the generation of surplus value. Based on a theoretical-bibliographical research of an essentially qualitative nature, an attempt was made to analyze the historical-economic evolution of capitalist production systems in order to understand the systematic and dynamic transformation of such productive models considering each historical moment and, especially, to verify the main effects in the social context of labor force welfare. The results allowed us to understand that each productive system had its genesis aimed at the continuous need for capital appreciation and the appropriation of surplus value, to the detriment of masked forms of labor exploitation, inflamed discourses of improvement in productivity and competitiveness. Uberism, in contemporary capitalism, shows itself to be a “new strategy” of capitalist accumulation, the true face of which is covered up by the discourse of empowerment, flexibility and self-management. The system is incubating in this Age of Innovation and its fate and survival still seem uncertain, but its reflexes are already certain, evident and drastically felt by the worker and society.

KEYWORDS: Fordism. Uberism. Innovation. Flexibility. Precarization.

1 | INTRODUÇÃO

O cenário intermitente de crise estrutural do sistema capitalista, associado ao intenso progresso do avanço tecnológico na Era da Inovação, à forte competição intercapitalista, ao extensivo apelo e propagação do receituário neoliberal, além da chancela do Estado aos processos de desmonte dos direitos e garantias sociais e trabalhista, dimanam novos debates acerca dos rumos do trabalho na sociedade contemporânea e os destinos dos trabalhadores diante dessa nova sistemática de regulação. A disrupção, palavra proferida com animosidade nos discursos de especialistas e organizações para se referir às profundas transformações geradas pelo avanço das TIC's (Tecnologias de Informação e Comunicação), mostra-se dinâmica e atinge, de formas distintas, dimensões organizacionais, sociais e culturais nesse contexto contemporâneo.

O processo de transição dos diferentes modelos pelos quais o sistema capitalista tem experimentado ao longo de sua existência, refletem, dentre outras razões, a necessidade do próprio sistema em reconfigurar-se e reestruturar-se a fim de sobreviver e perpetuar-se ao longo do tempo e, sobretudo, prolongar sua dominação sob tecido social. A história apresenta os fatos que são incontestes quanto a esse padrão de desenvolvimento do modo de produção capitalista. Do Fordismo, modelo organizacional, praticado desde o início do século XX ao modelo gestado e experimentado mais recentemente, denominado Uberismo, tem-se observado, sobretudo, convergências no que diz respeito à necessidade das organizações em aumentarem sua produtividade e competitividade, com menores custos,

em detrimento de mais custos aos trabalhadores.

É por considerar essa nova forma “sofisticada” de exploração na contemporaneidade, cuja face é representada pelo Uberismo, que este trabalho buscou realizar reflexões a cerca desse novo modelo organizacional em comparação aos modelos desenvolvidos e praticados ao longo do século XX, como o Fordismo e Toyotismo (acumulação flexível), bem como compreender os novos paradigmas impostos à economia do trabalho nesta Era da Inovação, considerando a explosão exponencial de tecnologias de informação e comunicação e sua afetação às dinâmicas organizacionais.

Para alcançar tal intento, utilizou-se uma metodologia de caráter essencialmente qualitativa, subsidiada principalmente em bibliografias referentes à reestruturação produtiva, uberismo/uberização do trabalho e categorias conceituais como flexibilização e precarização do trabalho. Por considerar tais objetivos e o processo metodológico, avaliou-se de forma crítica e analítica, a hipótese de que o Uberismo se apresenta como um experimento capitalista imbricado de vicissitudes que levam à contradições em sua própria essência, gênese e propagação.

Destarte, esse estudo está subdividido nas seguintes seções pensadas de modo a construir o mote reflexivo a que este trabalho se propõe: no segundo capítulo, apresenta-se de forma histórica o processo de reestruturação produtiva no modo de produção capitalista; no terceiro capítulo ensaia-se sobre nuances da Era da Inovação e os novos paradigmas impostos ao mundo do trabalho no que importa à questões como novos modelos de negócios, flexibilização e autogestão; e por fim, no quarto capítulo delinea-se e avalia-se o Uberismo, sob o ponto de vista socioeconômico, e faz-se também uma análise crítica sobre esse novo modelo circunscrevendo-o à uma análise dos seus efeitos precarizantes. Por fim, a última seção traz as principais considerações sobre o estudo.

2 | REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Reestruturação produtiva no capitalismo contemporâneo

A opulência do sistema capitalista pós 2ª guerra mundial se deu principalmente pela combinação de um modelo consumista em massa que se expandiu principalmente nos países centrais (EUA, Japão, Alemanha, Inglaterra e França), no qual as relações de trabalho mantiveram certa estabilidade, combinando produtividade e altas rendas desde o fim da Crise de 1929. Com a crise do capitalismo, devidos a redução dos níveis de produtividade do capital e da queda da taxa de lucro do capital, entra em declínio alguns modelos adotados durante os “trinta anos gloriosos”¹, e com o esgotamento do modelo de acumulação taylorista/fordista os principais países centrais passaram a reestruturar sua produção baseada num modelo mais flexível de produção. Segundo Mattoso e Pochmann

¹ Compreende o período que vai do ano 1945 (fim da segunda guerra mundial) até aproximadamente 1975. Durante esse período os países centrais apresentaram taxas de crescimento em diversos setores da economia, combinando alta produtividade e renda altas, além do progresso tecnológico.

(1998, p.213) esse processo pode ser interpretado com efeito de movimentos diferentes da destruição criadora, de um lado vê-se o processo de reestruturação e inserção de novas formas de produção e apropriação e de outro de desestruturação de modelos antes adotados. Assim sendo deve-se observar as condições históricas e os movimentos que esse processo de reestruturação engendra em cada país. Eles (1998, p.213) afirmam que:

Dessa forma, por um lado, alguns países podem apresentar pujança e dinâmica de crescimento, enquanto outros podem apresentar estagnação ou entrar em decadência. Por outro lado, mas não menos importante, um determinado país pode apresentar um saldo positivo desta destruição criadora em um determinado período de intenso crescimento econômico, dominância dos aspectos reestruturadores da produção e da geração de empregos e um saldo negativo em outro período, com relativamente baixo crescimento e dominância dos aspectos desestruturadores da produção e do emprego.

Esse raciocínio nos leva a pensar sob o contexto sócio-histórico de cada país, pois o saldo de determinada reestruturação, embora positivo em determinado momento do tempo, pode voltar a apresentar-se negativo em outro. Isso corrobora com o que se observou durante os trinta anos mais satisfatórios do sistema capitalista. Mas que acabou declinando em meados da década de 1970, onde o padrão de acumulação capitalista não conseguia mais responder aos caprichos do capital. É justamente a partir desse momento que o padrão de acumulação capitalista taylorista/fordista² entram em declínio. Esse mundo em transformação é o reflexo das transformações da relação capital trabalho, uma preparação para o mundo pós-fordismo. Onde existe uma hierarquia de blocos e países que concentram e determinam as relações econômicas internacionais (LIPIETZ, 1997, p.80-81). Ao mesmo tempo, Lipietz (1997, p.81) acrescenta em relação aos países do globo que, “uns privilegiaram a “flexibilidade”; outros a “mobilização dos recursos humanos”. A formação de blocos continentais com países que apresentam diferentes regimes salariais e estágios de produção também passou a ter um papel preponderante.

Além disso no modelo fordista, o que se destaca é que havia contratos de longo prazo, que garantiam uma relação salarial, com ganhos indexados ao aumento dos preços e a produtividade, além dos limites de demissões. Isso levava à uma relativa socialização das rendas e alguns ganhos sociais garantidos pelo Estado-Providência.

Um dos principais problemas da mudança, que culminou na reestruturação produtiva foi o declínio desse modelo fordista que se iniciou com uma crise do “lado da demanda”. Segundo Lipietz (1997, p.81), os principais países centrais localizados na Europa (Alemanha) e na Ásia, dentre eles principalmente o Japão, começaram a equalizar sua competitividade à dos EUA, fazendo com que as empresas desses países comesse a internacionalizar seus processos produtivos, essa dinâmica passou a ser induzida por

² Como princípio geral da organização do trabalho (ou “paradigma industrial”), o fordismo é o taylorismo acrescido da mecanização. Taylorismo significa: uma estrita separação entre a concepção do processo de produção, que é tarefa da equipe de planejamento e organização, e a execução de tarefas standardizadas e formalmente determinadas. (LIPIETZ, 1992, p.82)

uma intensa busca de economias de escala. Desse modo, pode-se afirmar que os países centrais e periféricos passaram para uma nova etapa da divisão internacional do trabalho, com modificação das relações entre capital e trabalho que se estendia de forma mais intensa para além do mercado interno de cada país. Destarte, com as pressões externas, do ponto de vista macroeconômico, o comércio exterior e a concorrência intercapitalista entre as firmas dos países centrais, ocorreu que:

O aumento dos preços das matérias-primas importadas do Sul (particularmente o petróleo) atizou a concorrência para as exportações no início dos anos 70. Finalmente, as firmas dos países fordistas procuraram cada vez mais contornar os problemas salariais, levando, através da subcontratação, a **produção** para os **países não fordistas**, “socialistas” ou em via de desenvolvimento. A regulação do crescimento dos mercados internos através da política salarial via-se, agora, comprometida pela necessidade de equilibrar o comércio exterior. (LIPIETZ, 1997, p. 81)

Dessa forma a integração dos países que não estavam dentro do modelo fordista passaram a integrar na demanda externa, bem como fazer parte dessa nova divisão do trabalho que vinha se estruturando desde meados da década de 1970. Cabe salientar que, durante o auge da mudança do paradigma não somente a queda na demanda foi crucial, mas também um quadro de queda da taxa de lucro, este último apareceu como um limite ainda maior. Lipietz (1997, p.83) afirma que:

Isso deveu-se a múltiplas causas vindas “do lado da oferta”: desaceleração da produtividade, crescimento do preço total do trabalho (inclusive o salário indireto do Estado-providência), crescimento da relação capital-produto, crescimento do preço relativo das matérias-primas. Isso tudo explica a reviravolta rumo às “políticas da oferta”, ou seja, rumo às relações capital-trabalho

A característica principal da mudança do paradigma fordista, para outro mais flexível, pode ser sentido com as mudanças do ponto de vista tecnológico. Essas foram implementadas através de inovações técnico-financeiras e revolução das TICs, que também passaram a ser implementadas na gestão das firmas. Para Harvey (2006, p.130), tendo Marx como referência essa mudança tecnológica é fruto de uma concorrência não apenas entre trabalhadores e capitalistas, mas principalmente entre capitalistas que vem sendo o resultado de uma lei tendencial da queda da taxa de lucro entre os capitalistas. Que pode ser definido como:

A capacidade para produzir mais-valor relativo ao valor total circulante como capital é diminuído com o passar do tempo pelas próprias revoluções tecnológicas que os capitalistas individuais instituem em sua busca pelo mais-valor. No entanto, Marx se refere à lei mais em termos de valores do que em preços de mercado, de modo que as considerações monetárias tanto de longo quanto de curto prazo (como a inflação endêmica ou o pânico financeiro) não podem ser incluídas na análise. Isso significa que a lei não pode ser usada

para descrever a “aparência superficial” da dinâmica capitalista.

Desta forma, os processos de incremento tecnológico no capitalismo direcionam-se para a economia do capital variável em contraposição ao constante. Pois o “impulso da inovação tecnológica dentro da empresa é sempre no sentido de economizar o tempo de trabalho socialmente necessário” (HARVEY, 2006, p.183).

Neste sentido a reestruturação produtiva que vem sendo sistematizada desde meados da década de 1970 tem se aprofunda nesse modelo de economia de tempo de trabalho socialmente necessário para produção das mercadorias ou fornecimento dos serviços. Dentro dessa lógica. Em “El fin del trabajo Nuevas tecnologías contra puestos de trabajo: el nacimiento de una nueva era”(1996)³, Jeremy Rifkin constata esse processo como sendo o momento em que o trabalho vivo, ou seja, o trabalho humano, passou a ser substituído de forma sistemática do processo de produção, quando não eliminado, passa a exercer qualidades cada vez mais inferiores dentro do modo de produção capitalista, caracterizando-o como precário cada vez mais.

En menos de un siglo, el trabajo masivo en los sectores de consumo quedará probablemente muy reducido en casi todas las naciones industrializadas. Una nueva generación de sofisticadas técnicas de las comunicaciones y de la información irrumpen en una amplia variedad de puestos de trabajo. Las máquinas inteligentes están sustituyendo, poco a poco, a los seres humanos en todo tipo de tareas, forzando a millones de trabajadores de producción y de administración a formar parte del mundo de los desempleados, o peor aún, a vivir en la miseria⁴ (RIFKIN, 1996, p.23)

Além disso, Rifkin (1996, p.37) acentua que o processo de mudança tecnológica diferentemente do que se havia defendido pelos teóricos da produtividade, não trouxe maiores níveis de emprego, acentuando além disso o baixo poder aquisitivo que teria se alargado devido aos diferentes níveis de desemprego tecnológico aplicado verificado na maioria dos países industrializados.

Economistas de vertente neoclássica e diretores de empresa continuam defendendo a tese de que, no longo prazo, os benefícios serão mútuos, ou seja, os avanços do que obtidos a partir da terceira revolução tecnológica trariam redução dos custos dos produtos, incremento na demanda de consumo e contraditoriamente, a criação de novos mercados levando a novos postos de trabalho. Associam também que haverá um crescente número de empregos criados nos diversos ramos tecnológicos com melhores rendimentos, no entanto “esse conceito de “efeitos de gestação lenta” não confortará o crescente número de trabalhadores que se encontram sem emprego ou subempregados” (RIFKIN, 1996, p.201)

3 “O fim do trabalho - Novas tecnologias contra empregos: o nascimento de uma nova era”(1996) (tradução nossa)

4 Em menos de um século, o trabalho em massa nos setores de consumo provavelmente será bastante reduzido em quase todas as nações industrializadas. Uma nova geração de sofisticadas técnicas de comunicação e informação divide-se em uma ampla variedade de trabalhos. Máquinas inteligentes estão gradualmente substituindo seres humanos em todos os tipos de tarefas, forçando milhões de trabalhadores em produção e administração a fazer parte do mundo dos desempregados, ou pior, a viver na miséria (tradução nossa)

Essa foi a principal tentativa de reforço do capital na tentativa de reajustar sua realização. A partir da década de 1970, o capital entra em crise estrutural, onde o regime de acumulação fordista passa a enfrentar dificuldades. Para Chesnais (1996, p.298) a internacionalização do capital foi crucial nesse processo “na incapacidade em que os mecanismos associados à regulação em vigor demonstraram em reverter os encadeamentos estruturais desfavoráveis.

No entanto, esse processo de crise do capital irá modificar-se na tentativa de reverter esse processo de realização. A hipertrofia financeira no capitalismo atual e a inserção das tecnologias da informação e comunicação deram fôlego à forma de atuação do capitalismo.

Essa situação está indissolúvelmente ligada à liberalização e à mundialização do capital, inclusive no que diz respeito à primeira dimensão, relativa à tecnologia e ao emprego. Os efeitos das mudanças tecnológicas recentes, em termos de destruição de postos de trabalho muito acima dos novos empregos que cria, não podem ser dissociados da quase total mobilidade de ação que o capital recuperou graças a liberalização do comércio internacional e à liberdade de estabelecimento e de remessa de lucros. (CHESNAIS, 1996, p.301)

No vanguardismo dessa mundialização e liberalização do capital, o setor produtivo que mais agregavam valor e tecnologia era o automobilístico. Neste setor, o Toyotismo é um dos grandes exemplos, focando principalmente nas novas formas de contrato de trabalho e gestão de trabalho. Alguns direitos e garantias passaram a ser atacados pelo modelo de acumulação, além da crítica a regulamentação e proteção do trabalhador. O caminho da ascensão da produção flexível. Além desse, o Volvismo, que se aprofundou na década de 1990, dentro da indústria automobilística, foi um modelo flexível mais criativo. Algumas de suas características é combinar flexibilidade funcional e organizacional com um elevado grau de automação e informatização. Algumas das mudanças em relação ao modelo Toyotista seria a participação direta dos sindicatos e representantes na definição dos projetos das fábricas (montagens, tempo de montagem, equilíbrio entre tempo de trabalho da máquina e participação dos operários)

No atual cenário mundial, que tem como marco o pós-crise de 2008, representa um novo patamar em escala jamais vista antes de acumulação/financeirização, no qual o trabalho passou a ser terceirizado e precarizado frente às novas tecnologias implementadas. Um modelo Just-in-time versátilizado para o incremento do fornecimento de serviços, no qual a indústria 4.0 e a internet das coisas, nuances da Era da Inovação, revolucionaram as novas formas de punção da geração de valor. Nesse sentido, cria-se um panorama de falso empreendedorismo e facilidades múltiplas de empreender.

2.2 A Era da Inovação e Novos Paradigmas

Na Economia o termo inovação adquiriu popularidade a partir da obra “Teoria do Desenvolvimento Econômico” de Joseph Schumpeter em 1912. Segundo essa teoria, a

inovação não pode se resumir a algo que é novo simplesmente, pelo contrário, na visão dele a inovação é um motor essencial para o desenvolvimento do sistema capitalista. Tanto quanto o termo “inovação”, o termo “empreendedor” também assume importância no processo de entendimento e compressão do capitalismo, como um importante elemento motor do desenvolvimento industrial (SCHUMPETER, 1982).

O mundo, indiscutivelmente, encontra-se em profunda e constante transformação, esta capitaneada nas últimas décadas pelo crescimento exponencial da digitalização na sociedade. A Era da Inovação pode ser entendida como um novo patamar da história da sociedade moderna na qual há grande e significativa conectividade advinda, sobretudo, a partir do crescimento e sofisticação do fenômeno da globalização.

O atual panorama de metamorfoses, em muitos casos radicais, tem provocado inquietudes e a necessidade de acompanhar e compreender os acontecimentos dessa nova Era e seus impactos nas diversas instâncias da vida em sociedade, da economia, da cultura, da política, etc. Pois, entende-se que o fenômeno “novo” da inovação, principalmente no início desse século, tem provocado inúmeras reflexões sobre seus reais benefícios, sobretudo, no caráter socioeconômico.

Novos paradigmas, advindos com a Era da Inovação mudam a relação capital-trabalho e reforçam que o processo de desenvolvimento econômico, está fortemente vinculado às condições em que a força de trabalho busca ajustamentos às necessidades do capital por conta dos processos de inovação tecnológica (KON, 2016).

Segundo Pochmann (2018), é por conta do vazio provocado pela desindustrialização e pelo advento da sociedade do serviço, combinado com atuação e expansão do receituário neoliberal, que se tem nesse século novos dilemas e novas perspectivas de mudança estrutural no mundo do trabalho. As oscilações de mercado, o crescimento econômico de setores específicos, o humor de investidores e acionistas, bem como a dinâmica dos fluxos globais de capitais tornam essas forças incontroláveis pelo trabalho, e que, sobretudo, o enfraquecem, tornando-o suscetível e incerto (BENDASSOLLI, 2007).

O trabalho, nesse sentido, encontra-se em um estado de suscetibilidade ainda mais evidente perante às grandes transformações e às investidas do capitalismo, principalmente financeiro, nas determinações de novos objetivos de dominação e valorização do capital. Parece estar havendo uma transformação do significado do trabalho nesse primeiro quarto de século, na qual evidencia-se a problemática da sua centralidade. Os principais movimentos que estão promovendo a desestabilização do trabalho dentro do desenvolvimento do sistema capitalista assentam-se no elevado progresso técnico observável pelo aumento do acirramento da competição intercapitalista, assim como pelo papel do Estado no que tange à regulação do trabalho frente aos anseios e imposições do capital. (POCHMANN, 2018).

É por considerar a exponencialidade do progresso técnico nesse século que emergem, num discurso naturalista do capitalismo, modelos de negócios e atividades econômicas que põem em xeque as dinâmicas da relação capital-trabalho, a partir de um

contexto estrutural de crise do sistema capitalista. Surgem, nesse sentido, novos contornos econômicos, ajustamentos de reação, como a Economia do Compartilhamento ou Economia da Colaboração, que resgata um conceito histórico e humano, mas que capitaliza em cima da forma natural de compartilhar e colaborar entre as pessoas.

A economia compartilhada (*sharing economy*) ou capitalismo de multidão (*crowd-based capitalism*), expressão que define com mais exatidão esse fenômeno contemporâneo, trata-se de um sistema econômico com cinco características principais: é amplamente voltada ao mercado, ou seja, a economia do compartilhamento cria mercados e atiza novas atividades econômicas; possui capital de alto impacto, ou seja, a partir dela novas oportunidades abrem-se com perspectivas de mais plenitude em relação à utilização de recursos (pessoas, objetos, dinheiro, tempo, etc.); atua sob redes de multidão, ou seja, existe oferta de mão de obra para realizarem as trocas; possui fronteiras pouco definidas entre o profissional e o pessoal, ou seja, o *peer-to-peer* torna-se realidade para comercializar e mensurar atividades; e por fim, compromete a fronteira existente entre o emprego pleno e casual, entre relação de trabalho com ou sem dependência, entre trabalho e lazer, ou seja, há uma substituição de empregos integrais por outros mais flexíveis (SUNDARARAJAN, 2018).

Os processos de flexibilização do trabalho consubstanciam outro paradigma advindos com a Era da Inovação e com a explosão das práticas de compartilhamentos em diversas atividades econômicas. Mitos, lançados de forma enérgica, sobre o conceito de emprego sugerem que o trabalhado assalariado, ou seja, trabalhar como empregado, significa desistir de toda uma flexibilidade e que trabalhar como autônomo, significa que de alguma forma o trabalho é flexível, porém, com obrigações aos chefes virtuais (SCHOLZ, 2016).

A atual fase do capitalismo e a utilização do discurso que utiliza a inovação como justificativa, tem delineado uma outra economia. O exército de reserva disponível e o contingente de trabalhadores dispostos a acatar o discurso de inovação, mascaram as práticas flexíveis e precárias, endossando o projeto capitalista de dominação e a ampliação de sua reprodução no espaço supranacional. Tem-se esse cenário como novo padrão de desenvolvimento das formas de trabalho, que se fundam no caráter precário e flexível.

A flexibilidade, condição dominante, é utilizada em virtude dos inúmeros papéis que pode desempenhar, como: trazer solução para algum tipo de problema econômico e assim retirar um entrave que esteja impedindo o desenvolvimento ou o processo de acumulação de capital nas empresas. Porém, enquanto uma estratégia de largo alcance, negligencia indiscriminadamente a discussão e os impactos da flexibilização dos tempos de trabalho (DAL ROSSO, 2017).

Muitos empregos de tempo integral estão sendo substituídos por contratos de prestação de serviços com variação nos níveis de carga horária, granularidade, dependência econômica e empreendedorismo (SUNDARARAJAN, 2018). O progresso técnico e as

inovações tecnológicas tem sido considerados elementos determinantes de todo esse processo de transformação e gestação de uma nova economia e, conseqüentemente, novas relações de trabalho.

A introdução das TIC's não objetivam abolir o trabalho, mas, pelo contrário, discipliná-lo e barateá-lo, dando forma a um novo tipo de fenômeno social e feição a esse trabalhador da Era da Inovação denominado de cybertariado⁵ (HUWS, 2017). Nesse sentido, é preciso entender que a economia do compartilhamento é uma força global que conecta pessoas a partir de pontes digitais e que, sobretudo, que esse trabalho digital não é um fenômeno de nicho (SCHOLZ, 2016).

As pontes digitais, foram e são possíveis, e se intensificam, graças ao notável desenvolvimento técnico que está por trás da digitalização da economia cujos fatores que moldam a nova economia são principalmente: a metamorfose de coisas em informações, ou seja, a representação digital da informação; o crescimento exponencial do hardware, da banda larga, do armazenamento e a miniaturização dos dispositivos digitais; e por fim, o aumento sustentado da programabilidade (SUNDARARAJAN, 2018).

Dentro dessa perspectiva, o capital utiliza as tecnologias como instrumento para trazer mais e mais áreas da vida da sociedade para a sua órbita e, caso isso não seja confrontado, haverá cada vez mais uma intensificação da opressão daquele ao trabalhador (HUWS, 2017). E assim, segundo Antunes (2019, p.20) “esses contingentes mais proletarizados, especialmente no setor de serviços, participam cada vez mais (direta ou indiretamente) do processo de valorização do capital”. O progresso técnico e a globalização dos mercados neoliberais também endossam esse panorama cujos interesses do capital financeiro são evidentes, pois:

No âmbito do verdadeiro salto tecnológico percebido, as principais alterações transcorridas no interior do padrão de competição intercapitalista têm sido protagonizadas por parte da formação de grandes corporações transnacionais em meio ao avanço da globalização neoliberal, acompanhada da transição de modelos organizacionais (taylorismo, fordismo, kalmarismo, toyotismo e outros) na produção e, por consequência, no trabalho. (POCHMANN, 2018, p. 68)

Destarte, a Era Inovação, reflexo do processo transitório de modelos organizacionais, traz novas perspectivas para o mundo do trabalho e muitos paradigmas, a exemplo do Uberismo enquanto modelo organizacional, que se expressam contemporaneamente sob a égide da valorização e ampliação do capital informacional-digital-financeiro.

2.3 Uberismo e Precarização do Trabalho

A Era da acumulação flexível endossada pelo advento da Era da Informação e Inovação, trouxe verdadeiras transformações a partir da ruptura com o padrão fordista vigente intensamente até a década de 1970. Além dessa ruptura e diante de um cenário

5 Ou Infoproletários na visão de Ruy Braga e Ricardo Antunes (2009).

de crise e de eminente esgotamento de formas de valorização do capital, outras formas de acumulação surgiram e geraram outro modo de trabalho e vida subsidiado em dois elementos que são os escopos de estudo desse trabalho: a flexibilização e a precarização do trabalho – estas exigências do processo de financeirização e mundialização do capital, apoiado pelo Estado gestor dos negócios da burguesia atuando como apoiador e chanceler da desregulamentação do trabalho (DRUCK, 2011).

A dominância do sistema capitalista ainda permanece assentada no poder empreendido ao seu principal fator de geração de mais-valor e mais-valia, o trabalho. Este vive um novo processo de cataclismo na nova dinâmica do sistema e busca fugir e resistir das investidas perversas do capitalismo, em uma eterna e histórica luta de classes. O que se observa com maior intensidade no cenário e nessa Era da Inovação e das TIC's é um novo momento de uso e de depreciação da força de trabalho que tem sido nomeado de uberismo⁶ ou mais, corriqueiramente, de uberização do trabalho.

O capitalismo contemporâneo, um capitalismo informacional-digital-financeiro (ANTUNES, 2019), é resultado de um processo contínuo de ajustamento e reconfiguração, com o intuito de buscar formas diversas de produção, acumulação de capital e dominação global. Da hegemonia do taylorismo- fordismo, nas décadas de 1960 e 1970, até a sua substituição pelo modo de acumulação flexível como alternativa ao período de deflação e recessão da economia e, principalmente, a partir da década de 1980 com a expansão do ideário neoliberal, houve muitas mudanças nas formas de acumulação do capital.

Desde então, assiste-se, a partir de sua força intrínseco-dinâmica, sucessivas investidas do capitalismo em aumentar e perpetuar sua hegemonia dentro do processo de globalização. O sistema busca insaciavelmente novas mercadorias e novos mercados, para extrair mais-valia, com intuito de alimentar sua voracidade, o que provoca alterações sísmicas na divisão do trabalho (HUWS, 2017). Pochmann (2018, p. 70) categoricamente reforça que:

Em relação a isso, identifica-se a experimentação de formas de maior exploração capitalista do trabalho humano por meio do avanço da terceirização e 'Uberismo' do trabalho. Simultaneamente, percebe-se o avanço da degradação das conquistas dos trabalhadores no ambiente de flexibilização e desregulação do sistema de proteção social e trabalhista que desafiam o formato tradicional de organização e representação dos interesses dos ocupados ante a explosão sucessiva de manifestações sociais de natureza espontânea, desconectadas e desarticuladas de um projeto maior de transformação do capitalismo.

O que se percebe, portanto, é uma verdadeira avalanche de transformações e um desmonte exponencial da legislação trabalhista, da seguridade do trabalho e da unicidade dos trabalhadores, em termos de organização classista, no limiar dessa Era da Inovação.

⁶ Trata-se de um neologismo que usa, como raiz, a denominação da empresa de serviços de transporte, UBER, para fazer referência a um novo padrão de reorganização produtiva e do trabalho que é apoiado em tecnologias digitais móveis que diminuem distancia, desintermediam relações de negócios, tornando o processo mais direto e fácil possível.

O aprofundamento do padrão de exploração, as novas centralidades e o novo padrão de divisão internacional do trabalho configuram-se como elementos do pêndulo maior da exploração do trabalhador a partir de tenros e sofisticados mecanismos de dominação e subsunção da classe trabalhadora em cenário obscuro (POCHMANN, 2016).

É observável, portanto, um crescimento do trabalho alienado, estranhado, nesse capitalismo contemporâneo. Assim, o que se verifica no mundo do trabalho diante do capitalismo nesta fase, na Era informacional-digital, é uma alteração na forma como o trabalho é visto e na sua manifestação enquanto atividade social, a qual sofre um processo contínuo flexibilização e, conseqüentemente, precarização. O trabalhador encontra-se à mercê e à própria sorte diante do enfraquecimento de diversos instrumentos e entidades historicamente construídas pela luta de classes. Trata-se, portanto, de uma agenda absoluta de desconstrução das garantias e direitos dos trabalhadores cuja perspectiva e prioridade é o aumento da liberdade empresarial no manejo da força de trabalho e da redução dos custos de produção/operação (KREIN, 2016).

A classe trabalhadora, configurada como uma classe superexplorada, vem sofrendo profundas mutações e investidas do capitalismo, tanto nos países do Norte, quanto nos países do Sul. Essa realidade que além do desemprego, amplia a informalidade, a terceirização e a precarização, pode ser entendida como nova polissemia do trabalho, ou seja, uma nova morfologia, uma nova forma de ser, cujo elemento mais visível é seu desenho multifacetado, resultado das mutações e metamorfoses do capitalismo que, “em escala global, redesenha novas e velhas modalidades de trabalho – o trabalho precário – com o objetivo de recuperar as formas econômicas, políticas e ideológicas da dominação burguesa”⁷ nas últimas décadas (ANTUNES, 2015; 2018; 2019).

Esse novo movimento da economia, que reorganiza a produção e a acumulação de capital, apoiado por tecnologias da informação e comunicação, fruto das demandas socioeconômicas, políticas e culturais, e, sobretudo, da voracidade capitalista de geração e acumulação de mais-valia, tem sido vendido como uma válvula de escape para uma realidade de desemprego estrutural. Nessa etapa mais flexível (Sennett, 2011) do capitalismo contemporâneo também caracterizado como de acumulação flexível (Harvey, 2012), continua a predominar o *modus operandi* na determinação das relações sociais, assentado no trabalho assalariado, cujo eixo de comando funda-se prioritariamente na concorrência intercapitalista no plano mundial (DRUCK, 2011).

O uberismo, enquanto modo de acumulação exponencialmente flexível e de superexploração do trabalhador, por conseguinte, dentro da fenomenologia dos modos de ser da informalidade, demonstra ser, uma nova forma ainda mais racional do sistema capitalista de promover e exercer sua hegemonia dentro dessa relação social. Este usa um discurso mais amigável e “humanizado” e apoia-se na ideia do compartilhamento, cooperativismo e colaboração para ofertar uma solução para a situação de desemprego

7 Id. Infoproletários. Boitempo Editora (2009. p.233)

estrutural, a partir do bico, da viração⁸, ou até mesmo da falácia do empreendedorismo e da autogestão. Slee (2017) refere-se a esse processo de uberização da economia e do trabalho como uma experiência que esconde verdadeiras fortunas acumuladas, provoca erosão de comunidades e intensifica o trabalho tornando-o mais precarizado.

É preciso compreender que:

As formas de intensificação do trabalho, a burla dos direitos, a superexploração, a vivência entre a formalidade e a informalidade, a exigência de metas, a rotinização do trabalho, o despotismo dos chefes, coordenadores e supervisores, os salários degradados, o trabalho intermitente, os assédios, os adoecimentos e as mortes indicam um forte processo de proletarianização e de explosão desse novo proletariado de serviços que se expande em escala global, diversificando e ampliando a classe trabalhadora. (ANTUNES, 2019, p. 22)

O processo precarizante, pelo qual o trabalho sofre historicamente no sistema capitalista, vem assumindo cada proporções cada vez maiores nessa fase contemporânea, sendo o trabalho informal, a sua principal manifestação, sobretudo, nos países do terceiro mundo, em que, em muitos casos, mostram-se prevalentes sobre o trabalho formal (PRIEB, 2005). Nesse sentido, a moderna precarização social do trabalho é então entendida, ao mesmo tempo, como um velho e novo fenômeno, metamorfoseado e reconfigurado, de caráter macro e microssocial (DRUCK, 2011).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mudanças estruturais exponenciadas pela desregulamentação numa sociedade informacional em rede é o sintoma de uma nova divisão internacional do trabalho. Essa lógica, coloca em xeque boa parte dos direitos e contratos ainda assegurados em alguns modelos preexistentes organizacionais (fordista/taylorista, Toyotismo e Volvismo). Os modelos organizacionais com base na informação em rede dominam o processo produtivo no sistema capitalista, esse modelo dá certa centralidade aos países mais industrializados e que, portanto, dominam os meios de produção.

A transição de modelos organizacionais desde o século XX até o século presente, refletem uma necessidade constante do sistema capitalista em perpetuar o seu processo de expansão e dominação. A exponencialidade do progresso técnico e as alterações no padrão de competição intercapitalista, resultados de uma agenda neoliberal praticada e imposta pelos países desenvolvidos, provocaram muitas transformações significativas e profundas no processo de produção, no qual gera-se e extrai-se mais-valor. Do padrão fordista/taylorista, passando por modelos mais flexíveis, como o Toyotismo e Volvismo e, mais recentemente, o Uberismo, que ainda se encontra em fase de experimentação nessa nova fase do capitalismo, os trabalhadores presenciaram e sofreram com as investidas

⁸ Há uma denominação contemporânea para a economia dos bicos chamada de Gig Economy.

capitalistas na tentativa de aumentar o níveis de produtividade e retomar a taxa de lucro que estava em declínio.

O advento da Era da Inovação trouxe em seu bojo novos paradigmas, principalmente na relação capital-trabalho. O capitalismo contemporâneo, informacional-digital-financeiro, é reflexo das metamorfoses e do projeto de dominação do sistema sob o tecido social e que encontra fôlego na disponibilidade de capital humano, exército de reserva, e no progresso técnico, representado pelas TIC's que provocam sistêmicas transformações na organização produtiva e social do trabalho.

Paradigmas como a flexibilidade, a autogestão e o empowerment do trabalhador são ainda mais presentes no discurso desse capitalismo pós-moderno, que busca, a partir, da subsunção e exploração do proletariado digital, exercer mecanismos de geração de mais-valor, em detrimento da alienação e transformação do trabalho vivo em morto. Práticas como a Economia do Compartilhamento ou capitalismo de multidão, colocam em xeque os benefícios e trazem para a arena de debate as verdadeiras intenções por trás desse discurso mais humanizado e que prometem “liberdade” ao trabalhador nesse novo capitalismo. O Uberismo tem se mostrado uma opção verdadeiramente cruel de um sistema que cresce, se impõe e ganha terreno em cima de uma classe trabalhadora ainda mais sujeita aos ataques capitalistas, endossados pela atuação estatal, e desintegrada socialmente.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Riqueza e miséria no Brasil IV: trabalho digital, autogestão e expropriação da vida: o mosaico da exploração**. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, R. **Adeus ao trabalho? ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mudo do trabalho**. São Paulo: Cortez, 2015.

ANTUNES, R. Século XXI: Nova era da precarização estrutural do trabalho? In: ANTUNES, R.; BRAGA, R. (org). **Infoproletários: degradação real do trabalho virtual**. São Paulo: Boitempo, 2009.

BENDASSOLLI, P. F. **Trabalho e identidade em tempos sombrios: insegurança ontológica na experiência atual com o trabalho**. São Paulo: Ideias & Letras, 2007.

CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

DAL ROSSO, S. **O ardil da flexibilidade: os trabalhadores e a teoria do valor**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2017.

DRUCK, G. Trabalho, precarização e resistências: velhos e novos desafios? **Caderno CRH, Salvador**, v. 24, n.spe 01, p. 37-57, 2011. Disponível em: < <http://ref.scielo.org/q2rqjs> > Acesso em: 03.jan.2020

- HARVEY, D. **Os limites do capital**. São Paulo: Boitempo, 2006.
- HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 22ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- HUWS, U. **A formação do cibertariado: trabalho virtual em um mundo real**. São Paulo: Editora Unicamp, 2017.
- KON, A. **A Economia do Trabalho: qualificação e segmentação no Brasil**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016.
- KREIN, J.D. **Regulação do trabalho no contexto de crise: Brasil, 2015**. In: MOURA, F.D.A.; TEIXEIRA, T.G.; KELLER, P.F. (orgs). **Trabalho em contexto de crise: regulação, informalidade e tendências setoriais**. São Luís: EDUFMA, 2016.
- LIPIETZ, A. **O Mundo do Pós-Fordismo**. Fundação de Economia e Estatística, Indicadores Econômicos, Porto Alegre, v. 24, nº. 4, , 1997. Disponível em: <https://revistas.fee.tche.br/index.php/indicadores/article/download/1256/1613>. Acesso em: 09.jan. 2020
- MATTOSO, J.; POCHMANN, M. **Mudanças estruturais e trabalho no Brasil**. Economia e Sociedade, Campinas, nº 10, p. 213-43, Jun. 1998, Instituto de Economia, Unicamp. Disponível em: << <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/download/8643152/10701/> >> Acesso em : 10.jan.2020
- POCHMANN, M. **A crise capitalista e os desafios dos trabalhadores**. Cadernos do CEAS, Salvador, n. 239, p. 698-712, 2016.
- POCHMANN, M. **Desestabilização do trabalho**. Saúde Debate. Rio De Janeiro, V. 42, n. especial 3, p. 67-77, novembro 2018 Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/sdeb/v42nspe3/0103-1104-sdeb-42-spe03-0067.pdf>.> Acesso em: 08.jan.2020.
- PRIEB, S. **O trabalho à beira do abismo: uma crítica marxista à tese do fim da centralidade do trabalho**. Ijuí: Edit. Unijuí, 2005.
- RIFKIN, Jeremy. **El fin del trabajo**. Nuevas tecnologías contra puestos de trabajo: el nacimiento de una nueva era. Revista Chilena de Derecho Informático, n. 2, 2003.
- SCHOLZ, T. **Cooperativismo de plataforma: contestando a economia do compartilhamento corporativa**. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo; Editora Elefante, Autonomia Literária, 2016.
- SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico: uma investigação sobre lucro, capital, crédito, juro e o ciclo econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1982.
- SENNETT, R. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 16 ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.
- SLEE, T. **Uberização: a nova onda do trabalho precarizado**. São Paulo: Elefante, 2017.
- SUNDARARAJAN, A. **Economia compartilhada: o fim do emprego e a ascensão do capitalismo de multidão**. São Paulo: Editora Senac, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administrador 7, 83, 91, 93, 94, 97, 99, 100, 101, 102, 103, 185

Agenda Governamental 8, 196, 197, 198, 199, 202, 203, 207

Agroecologia 153, 158, 161, 163, 164, 165

Alimentação 96, 130, 140, 141, 142, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 193

Aprendizagem 6, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 18, 48, 49, 53, 54, 57, 58, 61, 65

Autogestão 167, 169, 179, 180

Avaliação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10, 11, 20, 30, 34, 38, 79, 103, 104, 109, 137, 138, 139, 143, 145, 149, 150, 187, 202, 209

C

Capitalismo 15, 18, 96, 98, 167, 169, 172, 173, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181

Cidadania 7, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 183, 188, 189, 209

Ciência 38, 47, 55, 56, 59, 99, 100, 101, 102, 163, 164, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 207, 208

Comportamento 19, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 99, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 120, 121, 122, 155

Consumo 7, 34, 133, 141, 142, 148, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 162, 164, 165, 166, 172, 188

Contrato 9, 173, 183, 184, 185, 186

D

Design 22, 56, 58, 65

Discurso 7, 57, 66, 67, 68, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 87, 89, 90, 158, 159, 162, 163, 165, 167, 174, 175, 178, 180

Doença de Parkinson 35, 36, 38, 44, 45

Doenças Neurodegenerativas 35, 43

E

Empreendedor 7, 106, 107, 108, 109, 110, 121, 122, 130, 174, 202, 204, 207, 208

Empreendedorismo 7, 106, 107, 109, 110, 120, 121, 128, 130, 141, 173, 175, 179

Empresa 26, 31, 77, 82, 83, 88, 89, 97, 109, 130, 136, 137, 144, 145, 147, 148, 172, 177, 187, 198, 199, 204

F

Farmacêutico 6, 35, 41, 42, 43, 44

Fast food 7, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151

Flexibilização 11, 167, 169, 175, 177, 178

Fordismo 8, 167, 168, 169, 170, 176, 177, 181

G

Gastronomia 7, 128, 129, 130, 131, 133, 140, 141, 150, 152, 164

Gênero 6, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 34, 57, 58, 63, 64, 65, 111, 113, 123, 185, 187

Gestão 6, 7, 8, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 41, 51, 55, 99, 102, 103, 108, 128, 129, 130, 131, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 148, 150, 155, 156, 171, 173, 182, 183, 187, 188, 189, 192, 193, 194, 200, 201, 203, 209

H

Hospedagem 7, 140, 152, 155, 157

Hospitalar 41, 42, 43, 44

I

Imagem 7, 28, 72, 77, 78, 82, 84, 89, 132, 137

Infância 7, 48, 66, 67, 69, 70, 71, 73, 74, 75, 76

Inovação 8, 7, 11, 62, 77, 94, 107, 108, 109, 110, 150, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 180, 182, 192, 193, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208, 209

J

Jogo pedagógico 6, 56, 57

L

Licitações Públicas 8, 182, 183, 189, 191, 193

Linguagem 67, 68, 76

M

Medicamento 39, 40, 41, 42, 43

Mulher 6, 14, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 27, 57, 59

O

Oportunidade 7, 18, 56, 106, 108, 109, 110, 113, 120, 121, 127, 136, 206

Organização 8, 4, 5, 8, 10, 12, 17, 21, 42, 53, 70, 71, 74, 82, 84, 87, 89, 98, 100, 108, 109, 129, 130, 137, 144, 148, 150, 154, 156, 158, 159, 165, 167, 170, 177, 180, 185, 187

P

Parque Tecnológico 8, 196, 197, 200, 202, 207

Planejamento 3, 5, 6, 87, 106, 108, 109, 110, 113, 120, 122, 125, 126, 129, 130, 131, 140, 148, 151, 166, 170

Precarização 167, 169, 176, 177, 178, 179, 180

Presídio 51

Processos 7, 6, 52, 57, 69, 100, 108, 109, 131, 133, 141, 143, 144, 145, 148, 150, 154, 168, 170, 172, 174, 175, 191, 198, 199, 202, 204, 208

Produção 2, 16, 24, 26, 27, 53, 57, 58, 61, 73, 78, 79, 80, 82, 84, 98, 102, 130, 131, 133, 140, 141, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 176, 177, 178, 179, 197, 198, 199, 204, 206

R

Relações étnico-raciais 6, 56, 57, 58, 60, 62, 63, 64

Restaurante 7, 128, 130, 131, 132, 133, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 143, 145, 148, 149, 150

S

Serviços 15, 21, 26, 38, 41, 52, 108, 109, 128, 129, 130, 132, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 149, 150, 156, 167, 172, 173, 175, 176, 177, 179, 180, 185, 186, 187, 190, 191, 193, 201, 203, 205

Serviço Social 6, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 23, 24, 25

Sexualidade 19, 25, 58, 63, 65

Sustentabilidade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 153, 156, 158, 161, 163, 165, 208

T

Tecnologia 56, 59, 87, 128, 129, 139, 140, 150, 158, 163, 173, 182, 191, 194, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 209

Teoria 6, 6, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 24, 46, 47, 48, 55, 67, 68, 73, 81, 84, 89, 98, 100, 108, 110, 113, 117, 119, 120, 151, 165, 173, 180, 181, 185, 191

Terapia Ocupacional 6, 26, 34, 40

Trabalhador 26, 27, 31, 34, 72, 98, 150, 159, 160, 167, 173, 176, 178, 180

Transformação social 6, 1, 3, 4, 5, 8, 9, 70

Transparência 182, 183, 184, 187, 188, 189, 191, 192, 193, 194, 195

Tratamento 6, 22, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 70, 75, 88, 93, 130, 184, 188

U

Uberismo 8, 167, 168, 169, 176, 177, 178, 179, 180

V

Violência 6, 14, 15, 16, 18, 21, 22, 23, 24, 51

Pesquisas
Interdisciplinares
Estimuladas por
Problemas Concretos
das Ciências Sociais
Aplicadas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021

Pesquisas
Interdisciplinares
Estimuladas por
Problemas Concretos
das Ciências Sociais
Aplicadas 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

Atena
Editora

Ano 2021